ENSAIO BIBLIOGRÁFICO

Cogito, Ergo, Sum. Penso, Logo Existo? *Mas quando penso o que é meu e o que é do outro?*

Wilians Ventura Ferreira Souza ^a

Preâmbulo

O presente ensaio bibliográfico, tem como principal objetivo abordar as questões presentes, principalmente, nas principais discussões sociológicas, o homem enquanto indivíduo uno, pratica coisas, desempenha funções que não são unicamente individuais, isto é, atribuições que foram e continuam sendo impostas a ele, e, que as pratica, por muitas vezes sem a menor consciência de que aquilo não é inteiramente novo em seu mundo. O título do ensaio possui um caráter provocativo, o objetivo não é desafiar um método de análise sociológica, ou antropológica, ou criar uma discussão, mas, analisar obras, já bastante conhecidas, que abordam vida humana enquanto ser social, enquanto ser histórico e que produz socialmente e culturalmente.

Utiliza-se autores/críticos, que trabalharam em torno da consciência do 'homem' enquanto ser social, e ser socialmente produzido. Em '*O manifesto do Partido Comunista*' de Karl Marx, para lograr o sentido do proletariado e da desigualdade social sobre o método de Marx, isto é, o materialismo histórico-dialético, analisar o concreto e

^a Mestrando em Geografia (UNESP-Campus de Presidente Prudente). Email: wilians.ventura@unesp.br.

o real para compreender as dinâmicas e os processos de superação histórica. Utilizo-me também da obra de Max Weber *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, para introduzir no assunto mais denso em que constituí este ensaio, a existência humana, na obra de Weber trarei o início da composição de uma forma diferente de produzir, e de fazer parte da história.

Também sob uma perspectiva da identidade, busquei para a constituição deste ensaio, e que considero importante para o debate sobre a identidade; *A identidade cultural na pós-modernidade* de Stuart Hall, tem o objetivo neste trabalho de mostrar como a identidade (o olhar no espelho e se reconhecer/ ou não), vem sofrendo mudanças substanciais, e essas mudanças muitas vezes se manifestam em crises existenciais; em complementaridade também uma das obras mais importantes para se compreender o fato social de Émile Durkheim *As regras do método sociológico*, onde a sociedade é posicionada como uma influenciadora de sujeitos, alteram se as partes para normatização de um todo, mas a parte em contraposição ao todo, torna-se um objeto de marginalização. Por fim, neste ensaio abordo um dos textos mais importantes da compreensão dos sujeitos e dos espaços/lugares de fala, Gayatri Chakravorty Spivak em *Pode o subalterno falar?* Nos mostra como os espaços de fala, são espaços de poder, e de representação. Traz sob uma visão crítica aos intelectuais e hegemônicos na produção literal, o quão suas obras são instrumentos de ações históricas, o subalterno realmente tem um espaço de fala? Onde estão as identidades marginalizadas? E por que a sociedade as torna indivíduos não representados socialmente em seus direitos? São essas as questões que apresento neste ensaio.

Identidade de classe, é identidade de luta

O *manifesto do Partido Comunista*, obra de Karl Marx, é intitulada como uma das obras mais importantes já produzidas na atualidade, mas quando de fato paramos para analisar sua importância, enquanto fator histórico e social, vemos em cada página dessa obra, uma com-

posição da identidade do homem explorado (o proletariado). A forma assumida nos escritos de Marx, e principalmente no manifesto, possui uma fala gritante de assumir urgentemente uma identidade de classe. Marx acreditava em uma revolução do proletariado, sob fortes críticas as obras de Hegel, isto é, a dialética Hegeliana, ele elabora seu próprio método de análise social: o Materialismo histórico dialético.

O materialismo segundo Marx, consistia em analisar a sociedade partindo do concreto e indo para o dialético/pensamento, enquanto os Hegelianos possuíam um caráter ideológico e meramente dialético. Marx elabora duras críticas aos hegelianos, dizia não ser possível analisar a sociedade atual, com ideias já produzidas em séculos passados, sob grandes revoluções ele possuía uma vontade imensa de entender a história que estava sendo modificada diante de seus olhos. Marx & Engels observam o movimento da burguesia, analisam o aumento da distância da desigualdade em relação ao burguês e ao proletariado, “O problema político consiste não na penúria já sofrida, mas em uma riqueza das nações que não consegue tornar-se riqueza social real” (Marx & Engels 2014:11).

Dentro de uma fábrica, onde o autor diz estar concentrada uma aristocracia despótica e cada vez mais dividida em poderes, concentra-se também um, proletariado dependente de todos os poderes exercidos pelo seu patrão, logo o autor diz, “Para o manifesto, ao contrário, vazia e hipócrita soa uma celebração da liberdade que não comporte a discussão do ‘despotismo’ patronal por um lado e, por outro, das relações sociais que degradam os ‘operários’ à condição da mercadoria” (Marx & Engels 2014:24). Esse ponto é crucial para o início deste ensaio, onde a identidade é uma característica presente em todos os povos, e que assumir essa forma de ser, implica em mudanças importantes.

No parágrafo anterior, há um recorte da fala de Marx em que diz que o proletariado sob todas as formas de exploração possui um caráter e uma condição de mercadoria. Imagine agora uma mercadoria, sendo vendida em uma prateleira de um supermercado, mas não é essa mercadoria que quero chamar atenção, mas sim a força de trabalho que está sendo vendida, adotando e misturando a identidade

do proletariado e de sua família, um caráter meramente exploratório, onde o que importa para os capitalistas é obter essa força pelo preço mais baixo possível, e isso implica na identidade do homem, da mulher e de seus filhos.

“Convém se deter um pouco sobre aquele que talvez seja a novidade mais radical do Manifesto. Não é difícil encontrar no âmbito da tradição liberal lucidas descrições sobre os efeitos do embotamento produzido pela fábrica capitalista. Forçado à obsessiva repetição de ‘poucas operações muito simples, frequentemente uma ou duas’, o operário – observa Smith – acaba tornando-se ‘tão estúpido e ignorante quanto poder ser uma criatura humana’; ele não consegue formar um juízo correto até mesmo sobre muitos dos deveres comuns da ‘vida privada’ para não falar das questões políticas” (Marx & Engels 2014:34-35).

Agora, onde está a identidade desse homem explorado? pois bem, Marx escreve o manifesto como um levante a essa classe explorada, note a grande importância que assumir a identidade enquanto classe proletária exerce em um movimento histórico, início, portanto, através dessa obra estas reflexões com um chamamento a melhor compreensão da identidade. É de Marx & Engels, uma das frases mais mencionadas até hoje, “A história de todas as sociedades existentes até hoje, é a história da luta de classes” (2014:107).

O olhar-me no espelho e identificar a minha vocação – uma perspectiva e identidade protestante

Nesse segundo tópico, como complementação ao Manifesto de Karl Marx, a obra de Max Weber, *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, e utilizo o título deste tópico, como uma identificação da obra Weberiana, isto é, a identidade do indivíduo protestante, as formas que consideram valiosas em sua sociedade, e a presença do fator vocacional como uma obediência à Deus, e um caminho justo segundo aos olhos de Deus sob a perspectiva religiosa e econômica.

A estratificação social é um fator presente dentro dessa análise Weberiana, as reformas protestantes trazem também, formas distintas de observar a economia, a família, a escola, as crianças e, a vida no dia a

dia. Um dos pontos mais interessantes dessa obra é quando o autor aponta que os maiores níveis de qualificação profissional são ocupados por protestantes.

“Mas, além disso, e ainda mais importante: pode ser que, como foi dito, a maior participação de protestantes nas posições empresariais e de gerência na vida econômica moderna seja atualmente entendida, pelo menos em parte, simplesmente como o resultado da grande riqueza material que eles herdaram. Mas há outros fenômenos que não podem ser explicados dessa forma. Menciono apenas alguns fatos: há uma visível diferença em Baden, na Baviera, na Hungria, em relação ao tipo de educação superior que os pais católicos, em oposição aos protestantes, oferecem a seus filhos” (Weber 2013:35).

Dentro da análise feita pelo autor está expressamente visível a diferença da escolha profissional dos católicos e dos protestantes, mas não podemos esquecer que antes mesmo da escolha profissional, há a orientação profissional, designada pelos pais, manifestadas em escolas preparatórias e ginásios de ensino, “[...] o tipo de educação favorecido pela atmosfera religiosa da comunidade doméstica e da casa paterna, determinaram a escolha profissional e, por meio dela, da própria carreira” (Weber 2013:36). Cabe novamente repetir a pergunta que corresponde ao título deste ensaio, o que é meu e o que é do outro? Essa pergunta é um tanto quanto perturbadora, visto que dificilmente as pessoas na vida corrida que desempenham hoje, já a fizeram. É fato, e notório como a vida econômica é desempenhada em função da religiosidade, em outras palavras, como os homens atribuem a vocação como parte de sua própria identidade, vivem em função dela e ela se torna parte de sua história.

A forte presença de uma moral e de uma ética imposta ao comportamento humano, transformaram as relações humanas, e o espelho da sociedade, isto é, a forma como os indivíduos são vistos e se projetam para os outros. Aqui a palavra ‘vocação’ já não é mais uma nuvem escura e sem significado em um dia ensolarado, pelo contrário, a vocação, sentido abertamente trazido pelos protestantes, é agora a vontade de Deus manifestada em cada indivíduo.

O sujeito unificado ‘quase’ não existe mais

O motivo de assinalar Stuart Hall, em seu livro: *A identidade cultural na pós-modernidade*, é que quando comecei buscas em torno da identidade dos indivíduos, e principalmente dos que discutem a pós-modernidade, obtive esse autor como um grande teórico do assunto, na compreensão das mudanças das identidades que antes eram vistas apenas como únicas, inalteráveis e homogêneas. Pela perspectiva do autor, essa visão é simplista e não merece credibilidade. A identidade abordada por ele, é uma construção ideológica, histórica e familiar, logo, como seria possível a inexistência de identidades diferentes?

“A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência o argumento é o seguinte: As velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall 2014:9).

Dentro deste tópico, também o pensamento Durkheimiano, onde em sua obra *As regras do método sociológico*, Durkheim nos mostra que nossos comportamentos, sejam eles coletivos e individuais, estão carregados de fatores coercitivos, que fazem com que nos comportamos de tal maneira. Até mesmo a nossa forma de se alimentar é uma imposição, visto que fomos ensinados a comportarmo-nos de tal forma. Os indivíduos que não aceitam as imposições mais imperiosas da sociedade são punidos, pois extraviaram e não respeitaram o sentido imposto socialmente, isto é, o fator coercitivo.

“Fato social é toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então, que é geral no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais” (Durkheim 2001:40).

Há um descentramento/deslocamento/ruptura na formação dos sujeitos modernos. Em sua formação já não é mais contemplado, e não se deve acreditar em um sujeito unificado, mas o que predomina

é sua forma antagônica enquanto indivíduo que entra em conflito com partes interiores que não dialogam com suas ações, ou com a forma como realmente gostaria de agir. Partindo também de uma abordagem marxista e histórica, Hall (2014) aborda como as revoluções, as evoluções e os desenvolvimentos, podem e contribuíram para a formação de indivíduos cada vez mais heterogêneos enquanto sua forma psicossocial de ser. A questão principal, é de fato, sobre a identidade, pois vivemos e nos comportamos, de acordo com ela. As tão presentes ‘crises existenciais’ são na realidade, problemas presentes na identidade de um indivíduo, tomo por exemplo um trabalho realizado sobre o corpo transexual como um corpo marginalizado pela sociedade, no entanto, o indivíduo que toma a decisão de passar pelo processo da mudança corporal, só será de fato feliz se assim o fizer.

Nada melhor do que apontar está concepção corporal, se dada pessoa não se identifica com seu corpo quando se olha no espelho, logo, tomará a decisão de passar por um processo de mudança, pois esse mesmo indivíduo compreende que seu corpo, não é de fato o SEU corpo, mas o corpo imposto pela sua família e pela sociedade.

Por fim, e também com um caráter conclusivo, assinalo neste ensaio a obra de Gayatri Chakravorty Spivak, *Pode o subalterno falar?* em que Spivak possui uma base em suas obras de caráter Marxista, pós-estruturalista e abundantemente crítica. Possui uma atração pelos temas referentes ao feminismo, ao pós-colonialismo e também as teorias do multiculturalismo e da globalização.

Spivak faz uma forte crítica aos espaços de fala, entendendo que esse ambiente é também um ambiente de poder e de luta. A crítica consiste em examinar como os intelectuais estão produzindo obras, e falando pelos subalternos. O subalterno aqui possui sim uma fala, isto é, a capacidade de falar, porém não possui o ato de enfrentamento e de reivindicação por exemplo no campo acadêmico.

“Não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar contra a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido” (Spivak 2010:14).

A identidade, é sem dúvida um assunto muito importante para a sociologia, no entanto, observo que sem o domínio de outras áreas do conhecimento torna-se quase impossível uma boa teorização do tema, Marx, Durkheim e Weber são os pilares de sustentação das ciências sociais e humanas. Espero com o presente ensaio, ter exposto de forma eficaz o objetivo traçado desde o início. Compreender o materialismo histórico-dialético de Marx, A análise sociológica Weberiana e o Fato Social de Durkheim é muito importante para compreendermos nossa sociedade. A identidade não é algo consolidado, a identidade é sim, algo superado, algo que está sobre constantes modificações, basta olharmos para os processos históricos que identificaremos diversos momentos de mudança. Hoje existe um grande debate principalmente na Geografia de Gênero, onde a questão do corpo como um espaço tem causado debates calorosos, e dentro desta concepção corporal e geográfica, está também a identidade, vivemos em função de uma expressão, vivemos para nos expressar.

Referências:

- MARX, K. & ENGELS, F. 2014. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret.
- WEBER, M. 2013. *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret.
- DURKHEIM, É. 2001. *As Regras do Método Sociológico*. Martin Claret: São Paulo.
- HALL, S. 2014. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- SPIVAK, G. C. 2010. *Pode o Subalterno Falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- FERNANDES, B. M. 2012. "Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais". *Revista NERA*, 6:24-34.
- PEDON, N. R. 2013. *Geografia e Movimentos Sociais: dos primeiros estudos à abordagem socioterritorial*. São Paulo: Editora Unesp.

Recebido fevereiro de 2021.

Aprovado junho de 2021.